



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

A (RE) EXISTÊNCIA DE CRIANÇAS NEGRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: diferenças, pertencimento e representatividade

JOÃO VÍTOR BARBOSA SOUZA¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA/UESB

MARCOS VINICIUS SOLEDADE²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA/UESB

Resumo:

O presente trabalho discute a (re)existência de crianças negras na educação infantil, evidenciando este espaço como essencial para o processo de socialização das crianças e para o contato com a diversidade que permeia esse ambiente. Através de uma pesquisa bibliográfica, utilizando autores como: Santana et al., 2019; Silva e Furlan, 2023; Silva et al., 2015, Santos, 2018; o texto revela o quão dolorosas são as vivências das crianças negras no espaço da educação infantil, e que por vezes essas vivências resultam na construção de uma autoimagem permeada pela baixa autoestima, falta de reconhecimento identitário e apagamento das raízes ancestrais, tudo por conta das práticas discriminatórias que perpassam o contexto escolar destas crianças. Por fim, conclui-se que é imprescindível que a infância das crianças negras seja vivida com dignidade e valorização, de modo que a experiência escolar não seja marcada pela dor da exclusão, mas pela potência de uma (re)existência plena, significativa e feliz.

Palavras-chave: Crianças negras. Educação infantil. Diferenças.

Introdução

A sala de aula da educação infantil é o terreno onde as crianças desenvolvem as suas primeiras socializações e experiências através do contato com seus pares. Sendo assim, é pertinente pensar a educação infantil no campo democrático, de direito e da diversidade, de modo que todas crianças presentes nesta fase, se sintam inseridas e pertencentes a esse contexto. As contribuições da sociologia da infância e da antropologia da criança têm possibilitado um novo entendimento acerca da infância, compreendendo a criança como um ser que participa ativamente na construção das relações sociais que a permeiam (Santana et. al., 2019).

Ao adentrarem a sala de aula da educação infantil, as crianças estão dando um passo importante para socialização, para o contato com as diferenças e até mesmo para o processo de reconhecimento identitário. Nesta direção, Santana et al. (2019, p.325) aponta que “é no convívio social e escolar que as crianças pequenas constroem suas identidades e aprendem o

¹Graduando em Pedagogia e extensionista no projeto Contando Africanidades: valorizando as matrizes culturais e étnicas brasileiras por meio da contação de histórias. Email: joaovitorbarbosasouza8@gmail.com

²Graduando em Matemática e bolsista de iniciação científica no projeto Identidades Profissionais: Um estudo de narrativas autobiográficas de (futuros) professores de matemática. Email: mvssoares2022@gmail.com



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

significado de serem negras e brancas, meninos e meninas, dentre outros marcadores sociais”. Assim, a sala de aula da educação infantil é muito mais do que um ambiente de aprendizado, mas é também um espaço de experiências, interações e reprodução das percepções sociais que se desenvolvem neste contexto.

Assim sendo, este trabalho se justifica pela necessidade de entender a relação das crianças negras com o ambiente escolar da educação infantil, levando em consideração que este espaço, é um campo de construção de identidades, de pertencimento e socialização. O objetivo é discutir, como as experiências de crianças negras no contexto da educação infantil, podem ser atravessadas pelo o racismo estrutural, o bullying e a ausência de representatividade e de que maneira essas vivências afetam a formação da identidade, a construção da autoestima, o sentimento de pertencimento e o reconhecimento identitário desde a infância. Nesse sentido, busca-se ainda, refletir sobre a diversidade que permeia a nossa sociedade, sobretudo as instituições escolares.

A metodologia aqui adotada, se caracteriza por uma abordagem qualitativa, fundamentando-se em uma pesquisa bibliográfica para compreender como as crianças negras vivenciam o espaço da educação infantil, levando em consideração a diversidade que compõem este ambiente. Para construir tal entendimento, a discussão aqui tecida foi direcionada pela perspectiva de alguns autores como: Santana et al., 2019; Silva e Furlan, 2023; Silva et al., 2015; Santos, 2018, além alguns dispositivos legais, como as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI) e a Lei 10.639/2003.

Crianças negras, diferenças e o espaço escolar

Historicamente, a educação brasileira é permeada pelos resquícios do processo colonial que constitui a nossa história enquanto nação, processo esse que invisibilizou e negou o acesso da população negra à educação. Esta estrutura colonial ainda perpassa o nosso contexto educacional, sobretudo a educação infantil, de modo que as crianças, especialmente as crianças negras, acessam, acionam, e reproduzem ideais forjados na colonialidade, muitas vezes negando o seu pertencimento, ancestralidade e identidade enquanto um sujeito.

Com isso, ao falar sobre infâncias e crianças, especialmente infâncias e crianças negras, torna-se necessário evidenciar que elas estão imbuídas em um recorte educativo e social que sinaliza um padrão de infância e de criança que se distancia da pluralidade que se apresenta na realidade social (Silva e Furlan, 2023). De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (Brasil, 2010, p.16) criança é:



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Neste sentido, uma vez inseridas em um contexto social diverso e plural, as crianças terão as suas socializações mediadas pelas percepções acerca dessas pluralidades. Desse modo, é essencial que desde cedo as crianças desenvolvam uma relação com as diferenças, com vistas a identificar e combater preconceitos e discriminações que permeiam os espaços sociais e escolares (Silva e Furlan, 2023).

Nesta perspectiva a educação infantil deve assumir o compromisso de evidenciar a diversidade que se faz presente no seu contexto, todavia, conforme aponta Silva e Furlan (2023, p. 100) “A presença da diversidade na educação infantil ainda é um assunto que se limita ao discurso nos documentos oficiais e pedagógicos e, em alguns casos, sutilmente em uma literatura ou outra e sem profundidade de discussão”. Sendo assim o contato das crianças com pluralidade do ambiente escolar acaba se estabelecendo de maneira superficial, e não muito significativa, o que pode contribuir para a reprodução de estereótipos e pensamentos negativos acerca das diferenças, essa conjuntura impacta negativamente as crianças negras, pois são justamente essas que são as “diferentes” neste espaço da educação infantil.

Desse modo, é urgente que crianças, logo na educação infantil, visualizem as diferenças como elementos constitutivos nas relações sociais e que essas diferenças sejam valorizadas de modo que as crianças vistas como diferentes se sintam pertencentes desse ambiente. Para isso é necessário mecanismos que possibilitem essa ação, dentre eles destaca-se a representatividade. Em consonância a isso, Silva e Furlan (2023, p.103) assinalam:

Essa representatividade, que pode vir agregada ao brinquedo, pode ser decisiva na construção de uma imagem ou auto imagem (para a criança que se reconhece no brinquedo) positiva. É preciso que estes objetos estimulem o conhecimento de si e do outro e ajudem a criança a enxergar a si e ao colega, sendo possível que o brinquedo faça refletir a criança que brinca com ele. Essa diversidade é extremamente importante para que todas as crianças possam lidar com o diferente no outro, respeitando-se mutuamente e convivendo com as diferenças, [...].

Ainda se tratando de representatividade, a criança negra precisa se enxergar no seu convívio social e escolar, nos espaços infantis, na troca de experiências, nas interações. Essa representatividade é uma forma de reivindicar uma educação mais diversa, sobretudo, porque por vezes a criança negra, por falta de representatividade acaba sendo inferiorizada nos espaço que ocupa, tendo a sua sua identidade negada e o seu (re)existir invisibilizado (Silva e Furlan, 2023).



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Autoestima e a Formação da Identidade da Criança

Não é possível discutir a existência das pessoas negras no Brasil sem reconhecer a força e a persistência do racismo estrutural que permeia todas as esferas da sociedade. Muitos acreditam, equivocadamente, que ele não afeta as crianças, mas o chamado “bullying” praticado nos ambientes escolares é a face precoce desse fenômeno, revelando como o racismo é transmitido, naturalizado e reforçado no seio das famílias. Desde muito cedo, crianças negras são alvo de ofensas que atacam diretamente seus traços identitários: a cor da pele, o tipo de cabelo, o formato do nariz e da boca. Essas agressões simbólicas, verbais e, por vezes, físicas comprometem profundamente o sentimento de acolhimento, pertencimento e segurança dessas crianças no espaço escolar.

Silva et al. (2015, p. 2) afirmam que “a baixa autoestima é um dos principais fatores da dificuldade de interação da criança com o meio escolar, uma vez que se considera inferior aos seus pares”. Essa baixa autoestima não é fruto do acaso: ela está intimamente ligada ao bullying racista e à repetição de mensagens, explícitas ou sutis, que colocam a criança negra em uma posição de inferioridade. Ao ouvir constantemente que seus traços físicos são motivo de chacota ou rejeição, a criança internaliza essas visões distorcidas e passa a duvidar de seu próprio valor.

Se a escola é o espaço privilegiado onde se constroem as primeiras experiências coletivas, ela precisa ser plural, democrática e representativa em todos os sentidos. Isso significa incluir de forma concreta a cultura afro-brasileira no currículo e nas práticas pedagógicas, bem como garantir que alunos negros se vejam representados positivamente no ambiente escolar.

A ausência dessa representatividade, somada à presença constante de violências sutis ou explícitas, faz com que muitas crianças negras construam uma auto imagem fragilizada. Elas passam a acreditar que não são capazes de corresponder às demandas escolares e que não são dignas de ocupar determinados espaços sociais, o que as afasta de oportunidades e sonhos. Assim, a formação da identidade negra, que poderia ser um processo de valorização e orgulho, acaba sendo marcada pela insegurança, pela negação de si e pelo sentimento de não pertencimento. Esse processo de desvalorização, iniciado muitas vezes na infância, pode se prolongar pela vida adulta, impactando a trajetória escolar, profissional e pessoal.

Silva et al. (2015) reforçam que a escola exerce um papel decisivo na formação da identidade da criança negra, papel que pode ser positivo, quando há valorização e inclusão, ou negativo, quando predomina a omissão diante das opressões. É inaceitável que nossas crianças cresçam em ambientes escolares onde o preconceito estrutural é ignorado ou naturalizado. Cabe



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

aos educadores e gestores compreenderem que o combate ao racismo não é um tema periférico ou eventual, mas sim parte essencial da missão educativa.

É neste aspecto, que ganha relevância a Lei 10.639/2003, que estabelece ao sistema educacional brasileiro a obrigatoriedade da inserção da história e da cultura afro-brasileira em todos os processos educativos da educação básica. Esse dispositivo legal busca reparar o apagamento histórico das contribuições dos povos africanos na formação da nossa sociedade, com vistas a possibilitar o reconhecimento e a valorização desses povos, principalmente nas escolas. Alinhado a isso, Santos (2018, p.14) reforça que:

Sendo a escola local um lugar privilegiado das descobertas para a criança, o silêncio ou a indiferença perante o ensino das relações étnico-raciais embaraça a formação dos educandos, principalmente na educação infantil, pois essa negligência da maioria das escolas brasileiras gera distúrbios incomensuráveis na formação da personalidade, sobretudo das crianças negras que, desde tenra idade, aprendem a não aceitar sua identidade, a subestimar a sua raça e a idealizar a raça branca como sendo superior.

Portanto, é imprescindível que as crianças negras não precisem gastar energia apenas para (re)existir em meio à violência simbólica. Nós, professores comprometidos com a emancipação do saber e com práticas antirracistas, devemos criar condições para que elas se sintam vistas, valorizadas e representadas. Isso inclui ampliar a presença de professores e professoras negros nas escolas, de modo que os alunos possam se enxergar em seus educadores, e assegurar que a cultura afro-brasileira esteja viva nas práticas pedagógicas. Mais do que cumprir uma exigência legal, trata-se de formar sujeitos conscientes de seu poder ancestral e de sua importância histórica.

Sobretudo, é urgente desmontar a estrutura do bullying racista dentro das escolas. Esse enfrentamento exige a atuação conjunta de educadores, gestores e famílias, desde a educação infantil, para interromper o ciclo de violência e reconstruir as bases de uma escola que promova equidade. Combater o racismo no espaço escolar é também garantir que a autoestima e a identidade da criança negra sejam formadas sobre pilares de respeito, orgulho e pertencimento, e não sobre feridas abertas pela exclusão.

Possíveis Considerações Finais

Diante da discussão aqui tecida, tornou-se evidente que a educação infantil é um campo fundamental para o processo de socialização das crianças e para o contato com as diferenças que permeiam este ambiente. Todavia, a presença de alguns entraves como: racismo, bullying e a falta de representatividade, acabam impedindo o desenvolvimento pleno das crianças neste



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

ambiente, sobretudo as crianças negras, que por vezes são enxergadas como as “diferentes” deste espaço. Além disso, os desafios enfrentados por crianças negras na educação infantil, culminam na construção de uma autoimagem, permeada pela baixa autoestima, falta de reconhecimento identitário, e no apagamento da suas raízes ancestrais, prejudicando assim a relação com o próprio eu e com seu pares.

Sendo assim, as vivências das crianças negras na educação infantil ainda são dolorosas e marcadas por diversas formas de discriminação, o que revela o quanto precisamos (re)pensar este lugar na perspectiva da diversidade, para que todas as crianças se sintam inseridas e pertencentes a este ambiente. Ademais, é urgente garantir que as crianças negras ocupem com dignidade e se sintam valorizadas e representadas no contexto escolar, de modo que as suas experiências neste espaço sejam não apenas de resistências, mas de contribuição para uma existência plena, significativa e feliz.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB 020/2009; Resolução CNE/CEB nº 5/2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação/Câmara da Educação Básica, 2010.

JESUS DE SANTANA, J. V.; OLIVEIRA DIAS, J.; SANTOS PEREIRA, R.; SOUZA CUNHA JÚNIOR, A. “EU TENHO VERGONHA EM DIZER QUE SOU NEGRA, NINGUÉM GOSTA, NÉ”? As crianças e as relações étnico-raciais em Itapetinga-BA. **Revista Tempos e Espaços em Educação, campo**, v. 12, n. 28, p. 323-346, 2019.

SANTOS, Daniela Araújo dos. **Presença da literatura negra na Educação Infantil.** 2018.

SILVA, A. S.; FURLAN, M. R. **Infâncias, experiências e os sentidos de ser criança negra na Educação Infantil.** Revista Zero-a-Seis, v. 25, n. 47, p. 92-111, 2023.

SILVA, S. P. S. et al. **A autoestima da criança negra e suas implicações no processo de aprendizagem.** In: VII FIPED (Campina Grande), Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2015.